

LÍNGUAS ESTRANHAS NO MEIO PENTECOSTAL CONTEMPORÂNEO BRASILEIRO UMA REALIDADE OU ILUSÃO?

STRANGE LANGUAGES IN THE BRAZILIAN CONTEMPORARY PENTECOSTAL
MIDDLE A REALITY OR ILLUSION?

José Carlos do Nascimento¹

RESUMO: Este trabalho tem como tema às línguas estranhas no meio pentecostal contemporâneo brasileiro uma realidade ou ilusão? O problema a ser respondido consiste em verificar se as supostas palavras estranhas faladas pelos crentes pentecostais fazem parte de um idioma ou constituem uma linguagem e como se originam. Uma das grandes características do movimento pentecostal são as famosas línguas estranhas, também chamadas no meio acadêmico de glossolalia. Há décadas as línguas estranhas dos crentes têm estimulado o interesse de pesquisadores, chegando a ser tema de diversas dissertações de mestrado e teses de doutorado. Importante destacar que o uso de línguas estranhas não é uma exclusividade dos evangélicos pentecostais, elas são encontradas em rituais de outras religiões e existem registros de mais de mil anos antes de Cristo. Este artigo tem o objetivo de fazer uma análise das línguas estranhas do pentecostalismo brasileiro. Para este fim, este trabalho apresenta o resultado de investigações científicas de várias décadas. Foi utilizada a pesquisa de campo e o método bibliográfico, tendo no referencial teórico autores renomados como Sueli Aparecida Carvalhaes, Silva Freire, Maurício Ricci, Silvana Matias, William J. Samarin e Selma Baptista. O trabalho não visa realizar um ataque a crença dos pentecostais sobre as línguas estranhas. Tratamos de uma abordagem científica do ponto de vista sociológico, teológico, histórico e linguístico da prática das línguas estranhas no cenário religioso.

328

Palavras-chave: Glossolalia. Línguas Estranhas. Pentecostalismo.

ABSTRACT: The present work has as its theme the strange languages in the Brazilian contemporary Pentecostal environment a reality or illusion? The problem to be answered is to verify if the supposed strange words spoken by Pentecostal believers are part of a language or constitute a language and how they originate. One of the great features of the Pentecostal movement is the famous strange tongues, also called glossolalia in the academic world. For decades, the foreign languages of believers have stimulated the interest of researchers, becoming the subject of several master's dissertations and doctoral theses. It is important to note that the use of strange languages is not exclusive to Pentecostal evangelicals, they are found in rituals of other religions and there are records from over a thousand years before Christ. This article aims to analyze the strange languages of Brazilian Pentecostalism. To find the answer: this work presents a scientific investigation. Field research and the bibliographic method were used, having in the theoretical framework renowned authors such as Sueli Aparecida Carvalhaes, Silva Freire, Mauricio Ricci, Silvana Matias, William

¹Bacharel em Teologia pela Universidade Estácio de Sá. Graduado em História pela Universidade Estácio de Sá. Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário ETEP. Graduado em Sociologia pelo Centro Universitário ETEP. Pós-graduado em Ciências da Religião pela faculdade Intervale. Pós-graduado em Ensino Religioso pela faculdade Intervale. Pós-graduado em Ensino da Filosofia e da Sociologia pela faculdade Intervale. Pós-graduado em História da África pela faculdade Intervale. Pós-graduado em História do Brasil pela faculdade Intervale. Pós-graduado em Cultura Afro-Brasileira pela faculdade Intervale. Pós-graduado em Ciência Política pela faculdade Intervale.
e-mail: cn.historia72@gmail.com.

J. Samarin and Selma Baptista. The work is not intended to carry out an attack on Pentecostals' belief in foreign languages. We deal with a scientific approach from the sociological, theological, historical, and linguistic point of view of the practice of foreign languages in the religious scenario.

Keywords: Glossolalia. Strange Tongues. Pentecostalism.

1. INTRODUÇÃO

O tema deste artigo é: línguas estranhas no meio pentecostal contemporâneo brasileiro uma realidade ou ilusão? Conforme sugere o tema este artigo tem o objetivo de realizar uma análise das línguas estranhas do pentecostalismo brasileiro. O problema apresentado neste trabalho é responder se as palavras estranhas faladas pelos evangélicos são uma língua ou não e como surgem. Este trabalho justifica-se porque apresenta o resultado de décadas de pesquisas, de acadêmicos, sobre as palavras usadas nas línguas estranhas dos crentes, contribuindo para agregar conhecimento para estudiosos do fenômeno religioso.

As línguas estranhas dos cristãos também são denominadas de glossolalia no meio acadêmico. No Brasil, nas reuniões pentecostais as palavras mais comuns nas supostas línguas estranhas são: labaxuria, de canto neveas, decovas neveas, cantarébias, xurianda labaxaia, dekantalabassi, labassurionderrá, ripalabas, surionderráá. Estas palavras não possuem tradução em nenhum dicionário. Um crente costuma pronunciar nas supostas línguas estranhas, sem variação, a vida toda, repetidamente duas, três ou quatro palavras apenas. Como por exemplo: decovas neveas ripalabas. Também as línguas estranhas podem ser uma repetição de monossílabas como tu tu.

Os pentecostais falam as chamadas línguas estranhas na igreja, na rua, em qualquer lugar, muitas vezes aos gritos são emitidas palavras que ninguém entende e nem eles sabem o significado. Quando se pergunta o significado eles respondem é mistério. Junto à manifestação das línguas estranhas é comum a ocorrência de pulos, risos, choros, danças, rolar no chão ou como eles mesmo usam a expressão cair no poder, literalmente no chão. E, não podemos esquecer o sapatear no poder, como os crentes chamam, acontece quando ficam a bater o pé no chão.

Digno de nota que: na hora que falam as palavras estranhas pode acontecer de o crente se aproximar de outra pessoa para lhe entregar um recado que ele acredita ser de deus, ou pode entregar uma profecia para a igreja inteira. No momento que o crente fala nas supostas línguas estranhas para outro crente, ou uma profecia para a congregação inteira, o

próprio falante da língua estranha interpreta e traduz para o idioma das pessoas presentes ou outro crente faz a interpretação.

A partir de uma investigação científica foi feita uma verificação se às línguas estranhas são um fenômeno linguístico sobrenatural, outro idioma, ou se são meras ilusões da mente humana. Para este feito utilizou-se a pesquisa de campo e o método bibliográfico, baseado em autores como: Sueli Aparecida Carvalhaes, Silva Freire, Mauricio Ricci, Silvana Matias, William J. Samarin e Selma Baptista.

Sem fazer juízo de valores religiosos, respeitando a fé pentecostal, foi realizado um levantamento minucioso sobre o tema línguas estranhas. Foi abordado neste trabalho o conceito de glossolalia do ponto de vista da linguística e suas origens no contexto histórico. Por fim é apresentada a análise da língua estranha na rotina religiosa pentecostal dentro de uma igreja através de resultados obtidos por pesquisadores.

2 O CONCEITO DE GLOSSOLALIA

A glossolalia é também chamada de língua estranha, língua barbara, neolingua e falar extático, podendo ser entendida por muitos como fenômeno de origem religiosa, lúdica, demoníaco, artístico e patológico. (FREIRE, 2007) Segundo dicionário Houaiss glossolalia significa:

[...] uma suposta capacidade de falar línguas desconhecidas durante transe religioso (...), um distúrbio de linguagem observado em doentes mentais que acreditam inventar uma linguagem nova. Mas esse termo pode também ser estendido a outras manifestações vocais como, por exemplo, os primeiros sons produzidos pelo bebê ou os sons produzidos nas brincadeiras que consistem em imitar a prosódia de uma língua estrangeira. A glossolalia parece ser uma língua estrangeira desconhecida. Mas ela possui alguns aspectos que fazem dela apenas o simulacro de uma língua natural. Dentre eles destaco dois: 1.º aspecto estrutural — mais complexo nas línguas naturais; 2. A disjunção entre som e sentido — com a primazia do som, no caso da glossolalia em que “fala-se para não dizer nada. (sic) (FREIRE, 2005, p.1)

Na glossolalia é rompida a ligação do som com o sentido das palavras mesmo assim o ouvinte tem a impressão de se tratar de uma língua estrangeira, pois aparenta ter o enunciado uma estrutura produzida por um idioma. (FREIRE, 2005)

Etimologicamente este termo significa: gloss(o)-, antepositivo do grego glôssa ‘língua; idioma, linguagem’ + -lalia, pospositivo do grego laliá ‘tagarelice, balbucio, loquacidade; palavra; pronúncia’. Glossa, de mesma raiz de gloss(o), refere-se à língua em sua acepção de órgão anatômico. Que línguas são essas? Certamente não se trata da língua materna de ninguém, pois nenhum falante se constitui nessas ‘línguas’. Um sujeito fala essas ‘línguas’ que, pode-se pensar então, são línguas estrangeiras. (...) Fica apontado aqui o caráter limítrofe da glossolalia: uma língua que é imitação de língua, embora tenha aspectos da língua falada. (FREIRE, 2007 p.26, 28)

Muitos compositores se valem da glossolalia na hora de compor ou cantar, são palavras sem significado no idioma, no entanto com muita sonoridade, por exemplo, bem típico das músicas brasileiras: laia, laia, laia, undere, undere. Encontramos também a glossolalia em pessoas com problemas mentais que acreditam estar falando outro idioma, porém só elas conhecem. E por último temos as crianças que inventam palavras no processo de aprendizagem. Não sendo um fenômeno novo a glossolalia acompanha a humanidade desde os seus primórdios no contexto histórico.

3 ORIGENS DA GLOSSOLALIA OU LÍNGUAS ESTRANHAS NO CONTEXTO HISTÓRICO

No aspecto histórico um dos primeiros registros de glossolalia se dá nos idos do ano de 1100 AC. O relato informa que na época de Ramsés XI, 20 dinastias, o deus Amom possuiu o corpo de um dos seus adoradores após ele ter-lhe feito um sacrifício. Este adorador de Amom no momento que foi possuído começou a emitir sons em uma aparente língua estranha. (FREIRE, 2007)

Platão também menciona a glossolalia na sua obra Fédon. Para Platão o fenômeno ocorria por uma inspiração divina. A acreditava que durante o sono ou uma possessão deus inspirava o indivíduo a falar, ou ter visões que não podia entender. Na obra Fédon são citadas várias famílias onde as pessoas ao serem possuídas praticavam a glossolalia, sendo que algumas recebiam curas. (FREIRE, 2007)

Na obra Eneida, um século antes de Cristo, Virgílio descreve as pitonisas sibilinas, da Ilha de Delfos, que ao se unir com deus Apolo praticavam a glossolalia. Ao chegar ao templo de Delfos o peregrino colocava em uma pequena tabua de argila as questões que precisava de orientação. Esta tabuinha era dada a pitonisa. Ela entrava na parte interior do templo com a tabuinha e sentava-se em uma trípode, neste momento inalava os vapores que saíam das rachaduras no solo da caverna. Estes vapores deixavam a pitonisa em transe, ela começava proferir palavras que pareciam sem sentido. Os sacerdotes anotavam cada palavra, pois seriam decifradas como um entendimento de uma profecia. (FREIRE, 2007)

Essa forma desconexa de falar foi denominada sibilina, possivelmente é uma referência a uma célebre pitonisa de nome Sibila, sendo o nome usado pelas demais pitonisas do templo na função. Na caverna tinha uma fratura geológica que emitia gases de hidrocarburetos e hidrossulfúricos, como metano e etanol, que ao serem inalados pela pitonisa deixavam-lhe em um estado de transe alucinógeno gerando as revelações, informa

o geólogo americano Jelle Zellinga. Outras referências a glossolalia podem ser observadas no culto egípcio a Osíris, no culto a Mitra e em várias tradições religiosas. (FREIRE, 2007)

O falar em línguas, toma força na igreja primitiva, com os apóstolos, tendo início na festa de Pentecostes narrado no livro de Atos 2:1-13. Ela aparece, depois desaparece e reaparece em certos momentos da história da igreja, no entanto com pequenos grupos. Selma Baptista Informa na sua tese de doutorado que a glossolalia é expelida da Igreja nos idos de 175, depois de Cristo, com a excomunhão de Montano. (BAPTISTA, 1989)

No segundo século um cristão chamado Montano verificou que depois da morte dos apóstolos a igreja havia perdido os dons espirituais descritos no novo testamento. Por este motivo Montano iniciou um movimento de retorno ao cristianismo apostólico com a finalidade de resgatar os fenômenos descritos na bíblia, como profecias e o falar em línguas. Os relatos informam que Montano e o seu grupo falavam em línguas. Este movimento foi chamado, montanismo e sofreu duros combates dos cristãos da época, sendo chamado de herege.

Cabe a Irineu (150 d.C.) o primeiro registro, descrevendo experiências de outras pessoas. Posteriormente aparece o movimento montanista, visando o despertar espiritual da igreja e conquistando inúmeros seguidores, como Tertuliano, um dos maiores pensadores do período patrístico. O movimento de Montano estava focado nas manifestações espirituais, como falar em línguas estranhas, revelações e profecias. Entretanto, não eram as línguas estranhas que afastaram Montano da Igreja romana, mas sim as profecias e o poder de mobilização do seu movimento, que combatia a suposta frieza espiritual daqueles dias. Tertuliano defendeu os montanistas e, após a sua morte, o movimento distanciou-se ainda mais da base romana, pregando um ascetismo religioso, com celibato, jejuns e abstinência da carne. (CARVALHAES, 2010, p. 3)

O movimento de Montano foi tão forte que até mesmo Tertuliano, um dos grandes pais da Igreja, se converteu ao montanismo. Selma Baptista, na sua tese de doutorado, ensina que conforme a tradição, Montano havia sido um sacerdote do culto da deusa Cibele. Interessante notar que neste culto à Cibele havia a prática da glossolalia. Após se converter ao cristianismo juntara-se a Montano as sacerdotisas Priscila e Maximilia, todos profetizavam e praticavam as línguas estranhas. Montano acreditava ser o porta-voz de deus na terra, pregava a volta próxima de Cristo, além de tecer críticas a moral dos bispos. Tudo isso o levou a excomunhão condenado como herege. Este movimento foi chamado de montanismo. (BAPTISTA, 1989)

No final do século 19 encontramos vários estudos acadêmicos sobre a glossolalia do ponto de vista da linguística realizados por Théodore Flournoy, professor da Universidade

de Genebra, sobre as línguas estranhas criadas pela médium espírita Hélène Smith, ela acreditava falar até a língua dos extraterrestres marcianos. (FREIRE, 2005)

Hélène Smith tinha momentos de transe e sonambulismo. Tudo isso chamou a atenção da comunidade científica mais voltada para o setor de psicologia e da linguística. Victor Henry, linguista, chegou escrever um livro analisando a tal língua marciana chamado: *Le langage martien, étude analytique de la genèse d'une langue dans un cas de glossolalie somnanbulique*. Foi concluído que a médium criou a sua língua marciana baseada na influência de modo deformado no idioma húngaro: que era a língua materna do seu pai. Flournoy concluiu que a glossolalia era uma linguagem criada pelo indivíduo que expressa alucinações. (FREIRE, 2007)

Como já foi abordada, a prática da glossolalia existe antes do surgimento do cristianismo, tanto no ocidente quanto no oriente. E na atualidade ela não se restringe ao cristianismo. Encontram-se relatos da glossolalia nos rituais indígenas, no xamanismo e outras tradições religiosas. No kardecismo ou espiritismo os seus adeptos não a entendem como glossolalia, mas como xenoglossolalia ou mediunidade poliglota. Os kardecistas acreditam que o médium pode falar ou escrever em idiomas que não conhece, podendo ser línguas que existem na atualidade ou que já existiram num passado remoto. (FREIRE, 2007)

Porém por não ser nosso objetivo este trabalho não irá abordar a língua estranha kardecista.

A crença em falar em línguas estranhas obteve o seu ápice no início do século 20 na rua Azuza, Estados Unidos, com o surgimento do grande movimento pentecostal, 1906. Este movimento religioso foi encabeçado por um jovem negro chamado William Seymour. O movimento visava resgatar a experiência narrada, segundo a bíblia, no livro de Atos dos Apóstolos 2: 1-13.

Sobre este acontecimento temos a narrativa bíblica, Atos 2:1-13, informando que no dia da festa de Pentecostes os apóstolos estavam reunidos. E, de repente aparece um som como um vento veemente enchendo o lugar. Sobre eles surgiram línguas como de fogo. Foram cheios do Espírito Santo de Deus e começaram a falar outras línguas. Jerusalém na época estava habitada por judeus e pessoas de outras nações, com idiomas diferentes, que foram até o lugar em que os apóstolos estavam reunidos para ver o que estava a ocorrer. Os estrangeiros ficaram maravilhados porque os apóstolos conseguiam se comunicar com eles em seu próprio idioma. (ALMEIDA, 2014) Esta experiência dos apóstolos é o que os crentes chamam de batismo com o Espírito Santo.

O texto de Atos deixa bem claro que os discípulos de Cristo receberam o dom de línguas estranhas em idiomas usados no “planeta terra” para pregar a mensagem de Cristo. As línguas que os discípulos receberam eram estranhas para eles, porém eram os idiomas dos estrangeiros que estavam em Jerusalém. O movimento pentecostal atual diverge em objetivos quando comparados com a igreja primitiva, dos apóstolos de Cristo, pois as supostas línguas não são usadas para pregar às nações.

No contexto americano, no final do século XIX começaram a surgir igrejas praticando a glossolalia, já sendo denominado por Movimento Pentecostal com os pregadores da segunda bênção. Nomes como D. L. Moody; R. A. Torrey; A. B. Simpson; Andrew Murray; A. J. Gordon; F. B. Meyer e Charles G. Finney ensinaram que a nomenclatura batismo no Espírito Santo não era sinônima de conversão, mas uma experiência subsequente à conversão, a qual se caracterizava por ser um revestimento do poder do alto para dinamizar o serviço cristão. Enfatizavam que o cristão deveria buscar esse revestimento de poder. (CARVALHAES, 2010, p. 45)

Este contexto histórico, descrito por Carvalhaes, preparou o terreno para o grande avivamento da rua Azusa nos Estados Unidos. Do movimento pentecostal dos Estados Unidos saíram os missionários que trouxeram a crença pentecostal para o Brasil no início do século 20.

4 ANÁLISE DA GLOSSOLALIA NA ROTINA PENTECOSTAL

O conceito ou a crença nas línguas estranhas não possui unanimidade e aceitação no meio cristão. Existe por exemplo: o grupo dos cristãos das igrejas reformadas, como os anglicanos, luteranos, presbiterianos e os batistas que acreditam que o dom de línguas cessou com os apóstolos ou a igreja primitiva. No entanto os pentecostais acreditam que o dom de línguas não acabou e ele é uma característica da presença do espírito santo na vida do crente e da igreja na totalidade na atualidade. Além dos pentecostais temos os carismáticos da igreja Católica que acreditam no falar em línguas estranhas. O falar em línguas estranhas no meio pentecostal é visto como sinal do batismo com o espírito santo descrito na bíblia.

Na teologia pentecostal existem dois tipos de batismo, o de imersão nas águas e o com espírito santo, também chamado batismo com fogo. Acreditam que só após o batismo com espírito santo é que o fiel começa a falar em línguas. Ainda existe a crença de que quando se ora em línguas estranhas o diabo não entende que o fiel está falando, só deus.

Desde o começo da conversão o fiel é ensinado a buscar o batismo com espírito santo e como deve ser seu comportamento, a sua vestimenta e até que lugar pode frequentar na

sociedade. Para obter o batismo no espírito santo é, entre outras coisas, praticado o jejum e orações. (RICCI, 2006)

Os crentes mais antigos ensinam outros procedimentos para ser batizado com espírito santo durante o culto. Ensinam ser preciso soltar a língua e ficar a falar sem parar gloria, gloria, glória ou aleluia, aleluia, aleluia ou uma mistura destas palavras. Agora é comum o crente mais antigo ficar a pronunciar no ouvido da pessoa, que deseja o batismo, palavras em línguas estranhas. E isso pode durar horas e de repente o crente mais novo começa a falar, geralmente, as mesmas palavras que ouviu.

As palavras mais comuns são: labaxuria, de canto neveas, decovas neveas, cantarébias, xurianda labaxaia, dekantalabassi, labassurionderrá, ripalabas, surionderráá e não possuem significado em nenhum idioma. Na glossolalia pentecostal e comum o uso de um número bem pequeno de palavras, duas ou três e até monossílabas como tu. O crente se apropria de uma, duas ou três palavras e fica a repetir as mesmas sempre que é motivado, como se fosse um mantra, como por exemplo ripalabas.

A glossolalia, falar em línguas, consiste numa oração onde o crente em grande estado de êxtase expressa uma aparente língua incompreensível, vem geralmente junto gestos corporais como choro, alegria, risos e saltos. (RICCI, 2006)

O antropólogo e lingüista norte americano Wiliam Samarin (1972) em suas pesquisas sobre a língua estranha pentecostal informa que ela é desprovida de significado, porém de estrutura fonológica, portanto tem uma aparência externa de linguagem. Sendo usado um número limitado de sílabas com padrões de entonação e comportamentos ligados a gestos e posturas, parecendo ter características linguísticas que fazem o crente acreditar estar falando em outra língua. Samarin conclui que a glossolalia não é uma língua, não é um fenômeno sobrenatural.

Difícilmente um grupo de religiosos que não conhece o dom de línguas vai de uma hora para outra ter os seus membros falando em línguas. Isto até porque se ocorresse de um membro do grupo começar falar sons ininteligíveis seria considerado como louco, brincalhão ou até possuído. (FREIRE, 2007)

Embora não seja objetivo deste trabalho realizar uma hermenêutica bíblica, do ponto de vista teológico é importante notar que se os pentecostais realmente falassem línguas em outro idioma à maioria das reuniões estariam em desacordo com o mandamento da bíblia. No capítulo 14 de 1.º Coríntios, no versículo 27, o apóstolo Paulo escreve que se houverem

línguas estranhas no culto que falem dois ou três e cada um por sua vez. O texto também informa que deveria ter uma interpretação das línguas para que todos no culto a entendam. No versículo 28 do capítulo 14 de 1.º Coríntios Paulo informa que se não tiver quem intérprete as línguas os fiéis deveriam estar calados falando consigo mesmo e para deus. Não é isso que acontece na prática pentecostal na atualidade. Nos cultos pentecostais geralmente toda a igreja fala nas supostas línguas estranhas e ao mesmo tempo e Paulo escreveu que devem ser no máximo duas ou três pessoas. E, além do erro de todos falarem ao mesmo tempo em línguas dentro da igreja, neste acontecimento deveria ter um intérprete. Isto sendo uma análise feita supondo que o que acontece na igreja contemporânea sejam as línguas estranhas conforme narrado em 1.º Coríntios 14 e Atos 2: 1-13. (ALMEIDA, 2014)

No culto é suficiente duas ou mais pessoas começarem a falar em línguas que é criado um efeito dominó e todos começam a pronunciar ou entrar no mistério, como os crentes chamam, a emoção é contagiada. Como já foi abordado, durante o falar em línguas estranhas é comum o crente entregar um suposto recado de deus a outra pessoa. E pode ocorrer dele entregar uma profecia para toda a congregação falando em línguas. (RICCI, 2006)

Certa vez no trabalho de campo, visitando uma igreja, observei um crente falando nas supostas línguas. Ele usava a expressão ripalabas sem parar e repetidamente, em forma de recado de deus para todos. Neste momento, um o outro crente traduzia para o português para à igreja entender. O suposto recado de deus tinha várias palavras e frases exortando os fiéis e durou mais de vinte minutos. Este é um pedaço da tradução do ripalabas feita pelo crente: “Eis que falo contigo igreja minha. Estou muito triste com vocês. Muitos não colocam a minha obra em primeiro lugar. Falta compromisso. O tempo da colheita está próxima. O tempo da minha volta está chegando. O corpo de obreiros tem que se esforçar mais. Olhai para o anjo da igreja, observe a sua luta para cuidar de vocês, rebanho meu. Eis que voltarei sem demora. Preparem-vos igreja minha. Vigiai na terra. A minha graça e paz deixo para vocês.”

Ele falou repetindo por mais de vinte minutos ripalabas e traduzido como se fosse um texto gigantesco, cheios de palavras com diferentes significados. Destaco que linguisticamente é impossível de apenas uma palavra, ripalabas, o crente possa ter traduzido centenas de palavras com significados diferentes como um recado de deus à igreja. É muita força de barra. E está mesma expressão ripalabas é muito usada por outros crentes sendo traduzida como diferentes mensagens de deus. Em outra igreja o pregador começou a falar tu, tu, tu e o outro crente supostamente traduziu por alguns minutos como um recado de

deus para a igreja usando várias palavras e frases com sentidos diferentes. Como apenas a monossílabo tu podes significar várias frases? Uma tradução que na prática não possui a menor lógica linguística, sendo resultado da imaginação.

Em suas pesquisas Selma Baptista verificou, em um grupo estudado, que apesar de produzirem praticamente o mesmo som acreditam estar falando coisas diferentes. Isto ocorre porque aparentemente a glossolalia tem aparência de palavras de um idioma. Mesmo sem sentido semântico a imaginação do falante a flora. Tudo isso gerando uma identidade religiosa em determinado grupo. Notou-se que a comunidade religiosa fornece o padrão de vocalização da glossolalia: quanto na entonação, cadência e ritmo. A glossolalia também se caracteriza pela recorrência de combinações vocálicas e consonantais indicando um padrão sonoro. Existe uma preferência pelo uso de determinadas consoantes e vogais. (BAPTISTA, 1989)

Tanto nas religiões encontradas no ocidente quanto no oriente a música tem um papel fundamental, como exemplo: temos o hinduísmo, budismo, religiões de matriz africanas e o kardecismo. No cristianismo não é diferente. Pesquisadores também apontam para o uso da música em larga escala nos cultos, o tornando um ambiente propício para criar um clima para o surgimento da glossolalia no pentecostalismo:

A música, segundo Rouget, é o principal meio de se alcançar e manipular os estados de transe, uma vez que esses fenômenos religiosos muitas vezes são acompanhados por algum tipo de melodia durante os cultos. A influência da música não se restringe, segundo o autor, à dimensão psicológica, mas possui um ancoramento corporal e fisiológico, que se manifesta nas danças, saltos e gestos. (RICCI, 2006, p.116)

Falar em línguas facilita a boa aceitação do crente no meio pentecostal. Ele é visto como tendo uma relação com a divindade ou mundo espiritual. O crente que fala em línguas é visto como dotado de espiritualidade. Nas igrejas pentecostais até para se ter cargo de obreiro ou ministro, geralmente, o indivíduo precisa falar em línguas estranhas. Isto acaba resultando em uma pressão psicológica que praticamente obriga o fiel a falar em línguas para ser aceito pela comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar as supostas línguas estranhas ou glossolalia no meio pentecostal. O problema a ser respondido era se essas línguas são ou não uma linguagem ou idioma e como surgem. Para este fim foi realizado um profundo estudo na obra de autores renomados que há décadas vem realizando pesquisas sobre o tema. Valendo-

se de uma análise histórica concluímos que a glossolalia é um fenômeno encontrado em outras religiões bem antes da criação do cristianismo ou do movimento pentecostal. Existem relatos do uso da glossolalia de mais de mil anos antes de cristo. E na atualidade diversas religiões praticam a glossolalia.

Respondendo a pergunta central deste trabalho: às pesquisas científicas deixaram bem claro que as chamadas línguas estranhas utilizadas no movimento pentecostal não se constituem em uma linguagem ou idioma, são palavras desprovidas de sentido e estrutura linguística em seu uso. As palavras usadas pelo suposto falante de línguas estranhas possuem bastante semelhança às usadas e ouvidas pelo o grupo da igreja que ele frequenta ou lugares que passou. E, também, possuem uma ligação grande com o idioma do falante e seu nível cultural, sendo resultado da imaginação humana. Outro detalhe interessante é que o pentecostal possui um número bem pequeno de palavras que usa nas supostas línguas estranhas, geralmente três ou quatro palavras e sempre as mesmas no seu cotidiano de glossolalia.

Apesar das línguas estranhas pentecostais não serem uma linguagem, ou seja, apenas resultado da imaginação humana e possuir explicação científica: o que ocorre dentro das igrejas pentecostais é uma questão de fé e cada um tem o direito de acreditar no que quiser, por mais estranho que pareça.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

BIBLIA. Português. Santas Escrituras. **Tradução João Ferreira de Almeida**. São Paulo: Geografia Editora. 2014. 3ª Edição.

BAPTISTA, Selma. **Glossolalia: O Sentido da Desordem. A Simbologia do Som na Constituição do Discurso Pentecostal**. 1989, 329f. Dissertação (Mestrado Antropologia Social), UNICAMP - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, São Paulo, 1989.

CARVALHAES, Sueli. Glossolalia: O Dom Incluyente Do Espírito Santo. **REVER Revista de Estudos da Religião**, pp. 42-61, ISSN 1677-1222. Junho de 2010. Disponível em: < www.pucsp.br/rever/rv2_2010/t_carvalhaes.pdf > Acessado em: 12.07.2022

FREIRE, Silvana. A exclusão do significado. **Revista Solta a voz**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 97-103, 2005. Disponível em:< <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/6280/4756> > Acessado em: 12.07.2022

FREIRE, Silvana. **Glossolalias: Ficção, Semblante, Utopia**. 2007. 107f. Tese (Doutorado em Linguística) – UNICAMP – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2007.

RICCI, M. **Glossolalia e organização do sistema simbólico Pentecostal.** 2006, 184f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/11449/99015> >. Acessado em: 12.07.2022

SAMARIN, William. **Tongues of men and angels: the religious language of pentecostalism.** Macmillan, New York, 1972.